

Evento: XVIII Jornada de Extensão

**PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR:
O DESENVOLVIMENTO DE UMA UNIDADE DIDÁTICA NO ENSINO
MÉDIO¹**

**CORPORATE PRACTICES OF ADVENTURE IN SCHOOL PHYSICAL
EDUCATION: THE DEVELOPMENT OF A TEACHING UNIT IN MIDDLE
SCHOOL**

Valéria Gonçalves²

¹ Trabalho desenvolvido durante o Estágio Curricular Supervisionado III do curso de Educação Física

² Licenciada em Educação Física. E-mail: valleria_goncalves@hotmail.com

INTRODUÇÃO

O Ensino Médio é um momento importante da educação básica, que tem recebido bastante atenção nos últimos meses. Entre as diversas questões apontadas, uma está relacionada á falta de interesse dos alunos (DARIDO et. al., 1999; NETO et. al., 2010; SOMARIVA et. al., 2013; PIZANI et. al., 2016). Particularmente, no caso da Educação Física (EF) escolar, um dos fatores que colaboram para esta desafeição tem relação com os temas de ensino selecionados pelos docentes, nos quais alguns esportes - futebol, voleibol, basquetebol e handebol - aparecem como prioridades (CHICATI, 2000; BETTI; ZULIANE, 2002; DARIDO, 2016).

Nesse sentido, em um estudo realizado com 799 alunos, Darido (2004) conclui que 63% dos estudantes do Ensino Médio não participam das aulas por conta da repetição de conteúdos esportivos desde o Ensino Fundamental. Contudo, não se trata como ressalta Castellani Filho (1993), de desconsiderar o esporte como tema da EF, mas de não reconhecê-lo como único. Assim sendo, a inclusão de outras temáticas que fazem parte da cultura corporal de movimento (como as ginásticas, as danças, as lutas e as práticas corporais de aventura) além de direito de aprendizagem dos alunos, podem facilitar a adesão desses nas aulas, na medida em que aumentam as chances de identificação com alguma prática (DARIDO, 2004; GONZÁLEZ; FENSTERSEIFER, 2010).

Nesta linha de pensamento, entendendo que outras práticas corporais - além do esporte - precisam ser proporcionadas na EF escolar, decidimos desenvolver uma unidade de ensino de práticas corporais de aventura para uma turma de ensino médio, que havia tido contato somente com o esporte. Como apontam Tahara e Carnicelli Filho (2013), este tipo de vivência pode gerar motivação e interesse, despertando a curiosidade e a satisfação dos adolescentes. Bem como, proporcionam experiências significativas e prazerosas, sendo que a dinâmica de suas ações requer uma necessidade de resolução de conflitos e problemas (TAHARA; DARIDO, 2016). No mesmo viés, Franco (2008) defende as práticas corporais de aventura dentro da escola, acreditando que esse tema pode proporcionar sensações e experiências que atinjam os aspectos afetivo, cognitivo e motor dos alunos.

Nesse contexto, o objetivo deste estudo é descrever as consequências do desenvolvimento de uma unidade didática de ensino de práticas corporais de aventura, pautada no conhecimento conceitual, com uma turma do 2º ano do ensino médio.

Evento: XVIII Jornada de Extensão

METODOLOGIA

Esta pesquisa está pautada em uma abordagem qualitativa. Para Minayo (2004, p. 21-22), a pesquisa qualitativa “[...] trabalha com o universo de significados, motivações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo de relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização”. Mais especificamente, trata-se de uma pesquisa descritiva. Esse tipo de investigação pretende descrever os fatos e fenômenos de determinada realidade, de forma a obter informações a respeito daquilo que já se definiu como problema a ser investigado (TRIVIÑOS, 2008).

Metodologicamente, desenvolvemos uma unidade de ensino sobre práticas corporais de aventura com uma turma do 2º ano do Ensino Médio, de uma escola da rede pública de ensino de uma cidade da região noroeste do Rio Grande do Sul. Assim, durante os meses de maio e junho de 2016, realizamos dez aulas de 50min cada, nas quais foram contemplados cinco objetivos – selecionados mediante um questionário-diagnóstico – com a intenção dos alunos conhecerem e vivenciarem as seguintes práticas: trilha; orientação; trekking; rapel; tirolesa; escalada; arborismo e o paintball.

Como instrumentos para levantamento de informações foram utilizados: a) dois questionários, um antes e outro ao final das aulas, contendo questões abertas sobre o tema; b) os registros dos acontecimentos em um diário de campo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na tentativa de construir uma análise de dados que possibilitasse uma melhor reflexão acerca dos achados do estudo, os resultados dessa pesquisa forma agrupados em duas categorias. Na primeira, abordamos os “acontecimentos gerais” acerca do desenvolvimento da unidade de ensino. Na segunda, apresentamos as percepções dos alunos frente à realização da proposta.

Assim, ao analisar o questionário aplicado no início da unidade de ensino – contendo perguntas referentes á conhecimentos e vivências de práticas corporais de aventura – é possível identificar que, nenhum aluno teve contato com o tema na EF escolar. Também 13 alunos relataram conhecer muitas dessas práticas somente pela televisão, de modo que as vivências se resumiam caminhada e a trilha fora das aulas de EF. Apenas uma aluna teve contato com o rapel e outro discente com a corrida de orientação, por conta de atividades desenvolvidas pelos escoteiros e no quartel, respectivamente.

No mesmo sentido, percebeu-se que dos 19 alunos, apenas sete responderam saber que as práticas corporais de aventura são um tema a ser desenvolvido nas aulas de EF. Destes, uma resposta chama atenção: “Sim, porque qualquer coisa é considerada educação física” (Aluno 14).

A partir dessa manifestação, interpretamos que não estão claros para os alunos os temas específicos da EF, desconhecendo o sentido do componente curricular na escola (ALMEIDA et. al., 2011).

Ao retomar as anotações no diário de campo, foi possível identificar que os alunos se mostraram envolvidos nas atividades e comprometidos com a participação nas práticas fora da escola . Assim como, a curiosidade aparente por algo que até então não conheciam, contribuiu com a frequência nas aulas. Tal como, a solicitação da prática futsal por parte de um grupo dito “mais habilidoso”, diminuiu à medida que se sentiram desafiados pelas tarefas propostas:

Hoje aconteceu a nossa quarta aula, com o objetivo dos alunos conhecerem e vivenciarem o slackline [...] fiquei extremamente feliz com a participação da turma, nem mesmo os alunos que

Evento: XVIII Jornada de Extensão

sempre pedem futsal, me pediram a bola, queriam mostrar que conseguiam passar em cima da fita [...] (DIÁRIO DE CAMPO, mai. 2016).

Levando em consideração o pouco contato dos alunos com o tema, estratégias como vídeos foram positivas, uma vez que os alunos puderam visualizar melhor as práticas de aventura que vivenciaríamos, servindo também como estímulo para a participação nas aulas: “Profe, nós vamos fazer isso também?” (Aluno 8); “Que massa!” (Aluno 11). Outro recurso tecnológico utilizado foi a criação de um grupo no Watzapp, através do qual os alunos desenvolviam “temas de casa” sobre a prática que seria desenvolvida na próxima aula. Esse instrumento possibilitou uma participação maior dos alunos, visto que possuíam mais elementos para as discussões.

No que se refere à segunda categoria, 18 alunos responderam ter gostado da experiência. Entre os motivos para tanto, nove argumentaram gostar por ser diferente das aulas “normais” ditas repetitivas. Outros nove porque tiveram a oportunidade de aprender coisas novas e seis apontaram aulas “mais atraentes”.

Nesse sentido, 19 alunos responderam achar interessante aprender outros temas de ensino, alegando sentirem-se motivados em participar das aulas, como se evidencia nos seguintes trechos: “Eu gosto de trabalhar temas diferentes, a aula fica divertida e contagiante” (Aluna1); “Porque gera mais interesse da nossa parte” (Aluna 2); “Porque é chato ficar fazendo sempre as mesmas coisas” (Aluno 7); “Pois aprendemos atividades diferenciadas e nos dá ânimo para ir nas aulas” (Aluno11); “Nos entediamos com a mesma coisa sempre, ter algo novo diferente nos deixa curioso para saber como funciona” (Aluno12); “Porque nem todos os alunos gostam de ficar na quadra jogando futebol todo dia” (Aluno 17); “Porque somos acostumados a praticar sempre esportes” (Aluno 19).

Os achados deste estudo coincidem com as contribuições dos autores - apresentados inicialmente - no que se refere à desafeição dos alunos nas aulas de educação física por conta da repetição do conteúdo esportivo (CHICATI, 2000; BETTI; ZULIANE, 2002; DARIDO, 2016). Do mesmo modo que é uma possibilidade maior de identificação dos alunos com alguma prática, é mediana que lhes são apresentadas novas temáticas da cultura corporal de movimento (DARIDO, 2004).

CONCLUSÃO

Diante do contexto apresentado, é possível afirmar que o tema proposto foi bem aceito pela turma, demonstrando abertura para a aprendizagem de novos conteúdos. Nesse sentido, entendemos ser possível identificar certo incômodo dos discentes com as aulas em que se desenvolvem exclusivamente tendo o esporte como foco. Nessa linha, evidencia-se que as repetições dos conteúdos esportivos ficam muitas vezes aquém de suas expectativas.

Por fim, este trabalho deu pistas de que o interesse dos alunos no Ensino Médio pelas aulas de EF pode ser estimulado com a ampliação dos temas oferecidos pelos professores. Propostas que vão além dos esportes tradicionais, como as Práticas Corporais de aventura, podem ser uma escolha interessante para motivar os alunos nessa etapa de ensino.

PALAVRAS - CHAVE: Educação Física. Práticas de Aventura. Ensino Médio.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. B. et.al. Percepção discente sobre a educação física escolar e motivos que levam a sua prática. Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte, v. 10, n. 2, p.109-116. 2011.

Evento: XVIII Jornada de Extensão

Disponível em: <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/remef/article/viewFile/2660/3302>.
Acesso em: 01 nov. 2016.

BETTI, M.; ZULIANI, L.R. Educação Física Escolar: uma proposta de diretrizes pedagógicas. Revista Mackenzie de Educação Física e Esportes, v.1, n.1, p.73-81, 2002. Disponível em: <http://www.ceap.br/material/MAT25102010170018.pdf> Acesso em: 29 de out. 2016.

CASTELLANI FILHO, L. Pelos Meandros da Educação Física. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Maringá, v. 14, n. 3, p. 119-124, 1993. Disponível em: <file:///C:/Users/note/Downloads/66-15-PB.pdf>. Acesso em: 29 de out. 2016.

CHICATI, K. C. Motivação nas aulas de educação física no ensino médio. Revista da Educação Física, Maringá, v.11, n. 1, p. 97-105, 2000. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/3799/2611>